

ANNABEL
MONAGHAN

NORA

FOGE

«Inteligente, fresco
e romântico, cheio
de humor e ternura.»

Beth O'Leary, autora
de *APARTAMENTO
PARTILHA-SE*

AO

GUIÃO

TOP
SEL
LER



CAPÍTULO 1

Hollywood chega hoje.

Não vou perder a minha casa.

Estes dois pensamentos formam-se exatamente no momento em que o sol começa a iluminar o meu quarto. Pagaram-me o argumento que escrevi, e o dinheiro do bónus que vou receber por deixá-los filmar aqui vai entrar na minha conta bancária ao meio-dia. Adeus, imposto municipal em atraso. Adeus, dívida do cartão de crédito. E pensar que foi o Ben, ao abandonar-me, quem tornou tudo isto possível. Não sei como é que este dia pode ficar melhor. Salto para fora da cama, agarro na mais grossa das minhas camisolas de andar por casa e desço as escadas. Sirvo-me de café e vou para o alpendre ver o nascer do sol.

Acho sempre que a pessoa que me comprar esta casa vai demoli-la. Tem mais de cem anos, está toda estragada. Há uma certa altura em janeiro em que o vento sopra diretamente para a cozinha e temos de colar um cobertor com fita-cola à ombreira da porta. As tábuas do soalho estão a abater, só há duas casas de banho e ficam ambas no primeiro piso. Cada quarto tem um armário projetado para albergar seis modelitos, de preferência para pessoas muito pequeninas. O Ben tinha uma lista de reclamações da casa que gostava de declamar todos os dias e eu nunca consegui afastar a sensação de que ele estava, na verdade, a reclamar de mim.

Esta casa é um desastre, com certeza. Mas apaixonei-me por ela quando vi pela primeira vez o longo e ventoso caminho de acesso à entrada.

As magnólias que ladeiam a estrada tocam-se ao centro, de modo que agora, em abril, é como se estivéssemos a conduzir pelo meio de um túnel de flores cor-de-rosa. Quando saímos para a rua principal, parece que fomos transportados de um mundo para outro, como uma noiva a sair da igreja. É um prazer sair para ir comprar leite e é um prazer regressar a casa.

A casa foi construída por um médico inglês chamado George Faircloth, que morava em Manhattan e vinha para Laurel Ridge no verão, o que explica a sua total impreparação para o inverno. Foi pensada para se usufruir dela num dia com 26 graus e principalmente no exterior. Imagino-o a planear a paisagem desta propriedade como um maestro, a organizar as magnólias e as forsítias debaixo destas para anunciar o início da primavera. Depois de um longo inverno cinzento, estas primeiras flores cor-de-rosa e amarelas gritam: «Está a acontecer alguma coisa!» Em maio, já estão verdes como o resto do jardim, a calmaria antes de as peónias e as hortênsias começarem a desabrochar.

Eu sabia que faria qualquer coisa para viver aqui quando vi a casa de chá nas traseiras. É uma estrutura com uma única divisão que o médico mandou construir para honrar o ritual formal do chá. Enquanto a casa principal é feita de frágeis tábuas brancas com persianas pretas a descascar, a casa de chá é de pedra cinzenta com telhado de ardósia. Tem uma pequena lareira que funciona e paredes forradas a carvalho. É como se o Dr. Faircloth tivesse esticado o braço por cima do Atlântico e a tivesse arrancado do campo inglês. Lembro-me claramente de ouvir o Ben usar a palavra «barracão» quando entrámos nela e eu ignorei-o, como uma pessoa costuma fazer quando está a tentar continuar casada.

Na primeira manhã em que acordámos aqui, levantei-me ao raiar do dia, porque ainda não tínhamos cortinados. Levei o café para o alpendre na parte da frente da casa e o nascer do sol foi a surpresa da minha vida. Nunca tinha visto a casa às seis da manhã. Nem sequer sabia que estávamos virados para nascente. Foi como um presente que veio com a compra, uma recompensa por gostar tanto daquele local delapidado.

Encontro-me agora em pé no alpendre, a aproveitá-lo antes que a equipa de filmagem chegue. Tiras cor-de-rosa e depois cor de laranja surgem discretamente por detrás do carvalho amplo ao fundo do meu jardim. O sol nasce atrás dele de forma diferente todos os dias. Há dias em que parece um reбуçado de limão que vai subindo como os créditos de um filme e que enche o céu. Noutros dias, a luz sarapinta o jardim, passando por entre as folhas num cinzento baço. O carvalho só voltará a ter folhas daqui a algumas semanas; por enquanto, tem apenas pequenas flores amarelas e brancas que se polinizaram umas às outras e prometem uma relva cheia de bolotas. O meu jardim está no seu melhor em abril, principalmente de manhã, quando é beijado pelo orvalho e inundado de luz. Desconheço a ciência por detrás de tudo isto, mas conheço o ritmo desta propriedade como se fosse o meu próprio corpo. O sol vai nascer aqui todos os dias.

No tempo que demorei a acordar os meus filhos, alimentá-los e levá-los à escola, mudei de roupa seis vezes. Estou parada em frente ao espelho com as mesmas calças de ganga e t-shirt com que comecei e apercebo-me de que o problema é o meu cabelo. Não está tão frisado como vai estar em agosto, mas a ondulação continua a ser bastante intensa. As pessoas em Hollywood têm o cabelo domesticado ou, se estiver com um aspeto selvagem, foi desorganizado profissionalmente. Afundo a cabeça no lavatório da casa de banho e depois meto mãos à obra, secando-o madeixa a madeixa com o secador, algo que acho que não fazia desde o dia do meu casamento, na minha casa de banho de infância, com as damas de honor amontoadas atrás de mim.

Quando já tenho o cabelo liso, ainda são só nove da manhã. Eles devem chegar às dez, e eu sei que se passar mais tempo em frente a um espelho vou pensar demasiado na minha pessoa até entrar em pânico. Convenço-me de que estou perfeitamente aceitável para uma mulher com 39 anos e mãe de dois filhos. Além disso, não vou fazer nenhuma audição para entrar neste filme; eu escrevi-o. Decido ir à vila para tratar

de alguns assuntos não urgentes. Talvez chegue a casa depois de eles já cá estarem, para poder aparecer num estilo mais ou menos de quem acabou de perder completamente a noção do tempo. Vou irromper pela versão hollywoodesca do meu drama baseado em factos reais já em pleno andamento, como se fosse uma festa surpresa de mau gosto.

Gasto o máximo de tempo possível deixando um par de botas para arranjar no sapateiro e olhando para os descontos na livraria. Passo pela loja de ferragens para conversar com o Sr. Mapleton sobre a cirurgia que fez à anca e para apanhar a pilha de palavras cruzadas que me guarda do jornal que lê todas as semanas. Às dez horas, fico sem nada para fazer e percebo que está na altura de ir para casa e ver qual é exatamente o aspeto de uma equipa de filmagem e quais serão as consequências para o meu jardim.

Calculei mal e eles estão atrasados, por isso, encontro-me novamente postada no alpendre da parte da frente da casa a aguardar a chegada deles. Agarro-me à balaustrada quando os camiões TIR avançam pelo meu caminho de terra batida, desalojando as magnólias mais baixas e escurecendo o céu com pássaros assustados. Durante alguns segundos, a minha propriedade parece um filme de Hitchcock.

Não tinha previsto nada disto. Estou mesmo muito surpreendida por *A Casa de Chá* estar a ser transformado num filme a sério. O último filme que escrevi chamava-se *Beijos no Natal* e é um drama televisivo, que se desenrola ao longo de 80 minutos com pausas bem cronometradas na ação para abrir espaço para os 40 minutos de anúncios. O anterior foi o *Queridinhos da Adolescência*, que é praticamente a mesma história, mas passa-se no outono. O meu superpoder é colocar metodicamente um homem e uma mulher na mesma terra brilhante, povoada por pessoas invulgarmente felizes, com problemas estupidamente insignificantes. Eles andam às turras no início e depois apaixonam-se. É tudo sorrisos até um deles se ir embora, mas depois regressa logo após o intervalo para os anúncios. Todas. As. Vezes.

A Casa de Chá é um desvio dessa fórmula e é decididamente a melhor coisa que já escrevi. A primeira coisa que a minha agente, a Jackie,

disse quando acabou de o ler foi: «Estás bem?» Tive de me rir, porque, claro, parecia que eu tinha passado para o lado negro. A história é mais profunda, com fortes doses de angústia e introspeção, e o tipo certamente não volta no fim. Nos meses após a partida do Ben, vendi dois argumentos divertidos e leves ao The Romance Channel, mas depois houve uma coisa mais negra que basicamente irrompeu de mim. Tentei manter a minha vida pessoal só para mim depois de o Ben partir, mas acho que algumas histórias simplesmente querem ser contadas.

«Quer dizer, isto está ótimo», começou ela. «Mas é material para um grande filme, não é para o TRC. Se não te importas, vou tentar vender isto aos grandes estúdios.»

«Acho que vai ser uma grande perda do teu tempo», disse eu, enquanto arrancava um punhado de ervas daninhas do meu jardim em frente à casa. «Ninguém quer ver duas horas de angústia e desespero. Juro que tentei animar a coisa no final, mas por mais que tentasse, não conseguia suportar a ideia de vê-lo a reentrar pela porta.»

«Nora. Ainda nem sequer passou um ano.»

«Eu sei. Por isso, tenho de voltar ao que faço melhor. Faz o que quiseres com essa coisa. Acho que talvez só precisasse de desabafar. Está tudo bem com a tua mãe?»

«Está ótima. Dá-me umas semanas com isto. Este argumento é um ponto de viragem.»

Quando o primeiro camião estaciona em frente à minha casa, com 9 das suas 18 rodas em cima da minha relva, percebo que o ponto de viragem ocorreu efetivamente. Agarro-me à balaustrada do alpendre para me apoiar quando mais dois camiões começam a descarregar câmaras, iluminação, mobiliário, pessoas.

Uma jovem de cabelo cor-de-rosa com uma prancheta e um sorriso aproxima-se de mim.

— Olá, deves ser a Nora. Não te passes. Porque eu estaria a passar-me completamente. Eu sou a Weezie, a assistente do Leo.

— Olá. Não me estou a passar. Posso voltar a plantar a relva. Estendo a mão para lhe apertar a mão que tem livre.

Aproxima-se outra mulher, mais perto da minha idade, envergando um macacão preto.

— Meredith Cohen, produtora executiva.

— Nora Hamilton, dona da casa — consigo dizer, ainda agarrada à balastrada do alpendre. — E argumentista — acrescento, porque sou desajeitada.

— Olha — diz a Meredith. — Nós somos muitos. Raios, só o Leo já é muito, hoje em dia. Vamos fazer bastante barulho e uma grande confusão e depois limpamos tudo e saímos daqui para fora em dois dias. Três, no máximo.

— Tudo bem. Já estava à espera disso. Nunca vi um filme a ser rodado, até é emocionante.

Uma pick-up vermelha estaciona mesmo em cima da relva, rebocando uma rulote *Airstream* prateada.

— O que é aquilo?

A Weezie vira-se e ri-se.

— Ora cá está ele. Aquele é o Leo, claro. Estamos todos hospedados no Breezeport Hilton. Ele não fica em Hiltons.

Revira os olhos e volta a sorrir, como se fosse ligeiramente irritante, mas também adorável o facto de este tipo estar a destruir a minha relva.

— O Leo Vance vai dormir naquela coisa? À frente da minha casa?

— Não há como evitar. Ele tem lá as manias dele. Mas aquilo tem casa de banho e tudo. Além disso, está quase a chegar um camião com casas de banho portáteis para todos os outros. Por isso, não te preocupes com a tua casa.

A porta da *Airstream* abre-se e sai de lá uma superestrela de 40 anos descalça. As calças de ganga têm a cintura muito descida e a t-shirt cinzenta está rasgada em dois pontos. Aquele cabelo precisa de levar um corte e ele é demasiado bonito para fazer de Ben. Mas, por outro lado, a Naomi Sanchez vai fazer de mim. Ele semicerra os olhos, virando a cabeça para o céu enquanto se orienta, como se estivesse a sair da escuridão ao fim de 24 horas. São onze da manhã e estamos a apenas 90 minutos de carro de Nova Iorque.

O Leo Vance é o ator principal mais bem pago de Hollywood. Sei isto porque há três dias que ando a pesquisá-lo no *Google*. Ele tem casas em Manhattan, Bel Air e Cap d'Antibes. É dono de uma parte de um *franchise* da NBA. Não tem filhos, nunca se casou. É Balança. Nasceu em Nova Jérсия e tem um irmão.

Já vi todos os filmes dele, o que não é propriamente algo muito especial. Já vi muitos filmes. Ele é um bom ator e famoso sobretudo pelo seu olhar escaldante. Tenho de admitir que é um pouco exagerado. No seu primeiro filme, *Noites Debaixo do Sicómoro*, lançou à Aileen Bennett, com quem contracenava, uma série de olhares escaldantes que lhe garantiram a nomeação para Homem Mais Sexy do Mundo naquele ano. Acho que esse olhar se tornou a sua assinatura, pelo que o repete em cada filme que faz, mesmo quando não se justifica minimamente. Como em *Batalha na Frente Interna*, quando está a contar à sua mulher, que engravidara recentemente, que tem de ir para a guerra e lhe lança um olhar escaldante. Ou em *Ação Coletiva*, quando está a fazer um discurso de início de ano letivo numa academia militar e a lançar olhares escaldantes a todos os pais e avós presentes. Já para não falar do *Rosa Africana*. Um centro de refugiados a braços com um surto de malária não é lugar para olhares escaldantes. O Leo Vance parece muito dado a verter sensualidade de forma inapropriada.

Quando desliga o olhar escaldante, tem à disposição uma gama impressionante de sorrisos que são únicos para cada filme. Variam desde tímidos a maníacos, e eu sempre admirei a forma como ele consegue manter a consistência ao longo de todo um filme. Estou curiosa para ver que sorriso vai ele inventar para *A Casa de Chá*. Que sorriso imaginará ele que o Ben tem? Nem me consigo lembrar da última vez que vi o Ben sorrir.

O Leo Vance encaminha-se para o meu alpendre e eu preparo-me para as apresentações. Perfeito no ecrã, desalinhado na vida real. Vai transformar-se num homem cheio de problemas que acaba por se afastar da mulher com quem construiu uma vida. Só mesmo o Ben para me dar cabo da cabeça a ponto de me fazer finalmente escrever

algo que valha a pena. Sorrio perante a ironia de, no final das contas, o Ben ter acabado mesmo por ajudar.

O Leo passa por mim, parada no apêndice, como se eu não estivesse lá. Depois, detém-se e dá um passo atrás.

— Falta-lhe uma covinha — diz ele.

— A outra está lá dentro — respondo.

Ele acena e entra em minha casa como se fosse dono disto tudo. Não foi grande coisa no que toca a conhecer alguém.

Conhecer o realizador, o Martin Cox, é tão intimidante quanto eu estava à espera. A Weezie seguiu o Leo para dentro de casa, por isso, ele encontra-me com a Meredith no apêndice.

— Deves ser a Nora.

Não é alto, mas é grande e eu não consigo decidir se é fisicamente grande ou se é a presença dele que ocupa muito espaço.

Aperto-lhe a mão e tento não dizer mais nada. Se começar a falar, vou dizer-lhe o que pensei da última cena de *Alabastro* e porque é que acho que lhe roubaram um Óscar. Vou dizer-lhe que só a iluminação, para não falar em mais nada, no filme *A Mulher Oculta* foi sublime. Sobre-tudo para evitar usar a palavra «sublime», mantenho a boca fechada.

— Então, podemos vê-la? — pergunta ele.

Conduzo a Meredith e o Martin até às traseiras da minha casa, de onde se vê a casa de chá mesmo à entrada do bosque. Nenhum carro vai dar ao edifício, só há relva, de modo que a consequência de uma visita à casa de chá é quase sempre sapatos molhados. Tinha deixado a grande porta de carvalho aberta, como é meu hábito, porque, com a porta aberta, vê-se diretamente através das janelas de aço na parede de trás para a boca da floresta. Isso dá-me a sensação de infinitas possibilidades.

A casa de chá é um espaço sagrado para mim. O espaço onde tenho conseguido preservar-me ao escrever. E, ao contrário da casa principal, é estanque aos elementos. Imagino os Faircloths a aproximarem-se

da casa de chá como eu, antecipando o lume na lareira e uma mesa posta com chá e guloseimas. Imagino amantes que se encontraram aqui para conversas apressadas e primeiros beijos. O Ben sempre quis usá-la como casa de arrumos.

Tanto quanto sei, o problema pode ter sido exatamente esse: enquanto eu acreditava que a última coisa de que o mundo precisava era de mais espaço de arrumação, o Ben acreditava que precisava de uma terceira motorizada. Entre as muitas consolações que rodearam a sua partida está o facto de ter levado a maior parte da tralha com ele e não ter pedido a guarda das crianças.

A casa de chá desempenha um papel de destaque na dissolução do nosso matrimónio e é por isso que figura no título. O Ben levava a mal o tempo que eu lá passava, levava a mal o trabalho que eu fazia. Levava a mal o facto de ter sido eu a pagar as nossas contas nos últimos dez anos. Em relação a isso, eu sentia o mesmo, na verdade. Quanto mais competente eu me tornava a cuidar da nossa família, mais ele me desprezava. Quanto mais ele me desprezava, mais eu me esforçava para corrigir as coisas. Ver-me a escrever na casa de chá era um espelho para o qual ele não queria olhar. É assim que as coisas se passam no filme. Na vida real, não sei, talvez ele se tenha ido embora porque só queria mais espaço de arrumação. O Ben queria mais de praticamente tudo.

Agora, à medida que nos aproximamos, percebo que o Martin está sem fôlego.

— É de outro mundo — diz ele. — A foto não lhe faz justiça.

Sorrio e continuo a andar.

— Bem, é seguramente de outro tempo. É aqui que escrevo.

Está um dia quente para abril e o telhado de ardósia reluz ao sol com a chuva da noite anterior. Dois arbustos de hortênsias gigantes flanqueiam a porta. Estão agora a aparecer as primeiras folhas, umas coisinhas esperançosas da cor do aipo, mas em breve estarão a rebentar com flores de um azul cerúleo do tamanho da minha cabeça.

— Se pudessem ter esperado até julho, teriam visto as hortênsias em flor — digo, mas ninguém me ouviu, porque o Martin já entrou.

— Isto é absolutamente perfeito — comenta, passando as mãos pelas paredes forradas a madeira. Entretanto, saca de um *walkie-talkie*. — Estou aqui atrás na casa de chá. Tragam os lençóis para o sofá-cama, vou precisar do sol das três horas a entrar pela janela das traseiras. E de uma esfregona. Certifiquem-se de que o Leo e a Naomi estão a ser maquilhados.

A Meredith pisca-me um olho, muito provavelmente para eu não me sentir tão mal por causa do comentário da esfregona. Encolho os ombros em resposta. O que é que isso me importa?

— Está bem, vou então sair do vosso caminho, avisem-me se precisarem de alguma coisa.

Regresso a minha casa, aliviada por encontrá-la vazia. Em frente a cada janela, há movimento: um camião de *catering*, uma mulher a correr atrás do Leo Vance com uma lata de spray. Da rulote maior surge a Naomi Sanchez, estranhamente, toda ela só pernas, com um vestido de andar por casa de aspeto desmazelado. Presumo que esteja vestida como o Martin me imaginou. Vi a Naomi Sanchez pela primeira vez no filme *A Vingança do Vigarista*, quando ela tinha uns 25 anos. Há uma cena em que ela descobre que foi traída e que foi filmada num plano tão fechado que o rosto dela enchia todo o ecrã. Na altura, interroguei-me sobre onde estariam os poros dela. Aos 32 anos, continua a ser a mulher mais bonita que alguma vez vi.

Envio uma mensagem à Kate: O Leo Vance esteve em minha casa. A Naomi Sanchez é lindíssima.

Kate: Morri.

Não sei bem o que devia estar a fazer. Encontro-me dentro de casa, que não é um espaço onde me dedique ao trabalho. Dentro de casa é um espaço onde me dedico a ser mãe. A cozinha ainda está um caos depois do pequeno-almoço e ocorre-me que o Leo Vance viu os salpicos das minhas panquecas e sentiu o cheiro da gordura do meu bacon. Sinto-me ligeiramente incomodada por ele ter estado aqui quando começo a limpar. Teremos de estabelecer algum tipo de limites. Não quero entrar

aqui amanhã e encontrá-lo a lançar um olhar escaldante à minha máquina de lavar louça.

Ligo à minha irmã, e atende a ama dela, a Leonora.

— Ela saiu com as amigas — informa-me.

A Penny e o marido, o Rick, vivem em Manhattan e em East Hampton e aparecem frequentemente na *Town & Country* vestidos com as roupas certas e acompanhados pelas pessoas certas. Esta é a primeira vez na minha vida que estou a fazer alguma coisa mais fixe do que a Penny, por isso, deixo-lhe uma mensagem.

— Por favor, diz-lhe que liguei e que a Naomi Sanchez e o Leo Vance estão na minha entrada.

A Leonora guincha e eu fico satisfeita.

Quando acabo de limpar a cozinha, tento pensar no que normalmente estaria a fazer. É quarta-feira e às quartas-feiras comemos rolo de carne. Mas é claro que sim! Tiro meio quilo de carne de peru picada do congelador e coloco-a na bancada. Isso não demora tanto tempo quanto esperava.

Ponho-me a olhar pelas janelas da marquise. Estão a filmar a cena em que eu digo ao Ben que talvez ajudasse se ambos tivéssemos um salário fixo. Foi o dia em que ele me pôs no mesmo saco onde já estavam todas as outras pessoas que não têm visão e não acreditam nos sonhos dele. Eu era um drone, um robot, uma escrava das convenções. Tenho quase a certeza de que foi a última gota. Imagino as minhas palavras a saírem da boca perfeita da Naomi e começo a pensar que talvez este filme tenha um problema de *casting*. Como é que o Leo Vance vai conseguir ser tão desdenhoso como o Ben quando está a olhar para uma mulher daquelas? Acho que pessoas tão bonitas quanto aqueles dois teriam sido capazes de resolver as coisas. Nenhum homem viraria as costas à Naomi Sanchez.

Estou a ver as filmagens há uma hora, quando me apercebo de que está na altura de ir buscar os meus filhos. Abro a garagem e encontro

três tipos a fumar na minha entrada. Eles deitam os cigarros para o chão e apagam-nos com os sapatos, desviando-se para o lado e acenando-me, como se fossem daqueles moços que nos estacionam o carro em alguns estacionamentos. Não tenho outra opção a não ser passar por cima da minha própria relva para contornar os camiões e depois entrar na parte de terra batida do caminho de acesso a minha casa que vai dar à estrada principal.

Sabe-me bem pôr o caos para trás das costas e ir até Laurel Ridge, onde está sempre tudo na mesma. O Ben cedeu a esta vila porque literalmente não havia mais nenhuma possibilidade. Ele queria viver à grande na cidade — queria ter a vida da Penny, para ser exata. Mas quando percebeu que isso seria demasiado dispendioso, quis viver à grande numa localidade nos subúrbios que fosse suficientemente perto para ir e vir todos os dias. Isso também era impossível. À medida que fui ficando cada vez mais grávida do Arthur e se tornou claro que o nosso estúdio num edifício sem elevador não chegaria para nós, encontrámo-nos numa corrida contra o tempo. Tínhamos 20 mil dólares para dar de entrada para uma casa de 300 mil dólares, e uma casa de 300 mil dólares era muito mais longe da cidade do que o Ben tinha imaginado.

O Ben disse aos amigos que comprámos uma casa para remodelar numa terriola no campo como um investimento. É uma localidade em ascensão virada para o futuro, disse-lhes ele, o que eu sempre achei engraçado, porque o lema desta terra deveria ser: nós não queremos ascender nem pensar no futuro. É uma vila que se retrai perante qualquer tipo de progresso, que alberga a fantasia secreta de ter sido o modelo da Rua Principal da Disneyland. Há um comité de revisão arquitetónica e uma comissão de planeamento cujo único objetivo é evitar que pessoas como o Ben façam de Laurel Ridge um lugar menos pitoresco.

Temos seis ou sete lojas que se encontram em Laurel Ridge desde o início dos tempos. Os donos destas lojas gozam de uma lealdade de culto por parte dos seus clientes. Laurel Ridge é um lugar onde podemos sempre comprar um martelo a um indivíduo que conhecemos

e uma taça de gelado caseiro servida por um adolescente. Um punhado de outros negócios surgem e desaparecem com a mesma rapidez quando vem alguém de Manhattan para nos vender vitaminas de marca e biscoitos para cão personalizados. Raramente chegam a durar um ano.

Num extremo da vila, fica a Escola Primária de Laurel Ridge¹. Estaciono e encontro as minhas amigas no meio de um grupo de pais no recreio, como se este fosse um dia igual a todos os outros.

— Oh, meu Deus! Conta-me tudo! — pede a Jenna, que se encontra debaixo do cesto de basquetebol, acompanhada pela Kate.

— O quê? — digo eu, tentando parecer casual. — Estou só a passar tempo com o Leo e a Naomi, na boa.

— Ele é giro? Ele fez-te o tal olhar? — pergunta a Kate.

— Sim e não. Lindo de morrer e mal olhou para mim.

— Então, o cabelo foi uma perda de tempo?

A Jenna está a referir-se ao facto de eu ter secado o cabelo com o secador.

— Sim, foi um bocado exagerado — admito. — Se visses a Naomi Sanchez em pessoa, ias perceber porque é que ele não estava tão concentrado em mim.

— Olá, Nora. — A Molly Richter aproxima-se de nós. — Estás com bom aspeto, bonito cabelo.

A Molly é aquela cabra clássica que conhecemos na escola secundária e que nunca passou daí. Temos de ser simpáticas com ela porque é a presidente da associação de pais e parece ter autoridade para atribuir posições voluntárias ao acaso. Geralmente, fugimos da Molly Richter como antigamente os homens fugiam da recruta.

— Ouvi dizer que estás a brincar aos filmes de Hollywood esta semana — continua ela.

— É verdade.

¹ Nos EUA, a escola primária engloba os níveis de ensino correspondentes ao primeiro e segundo ciclos, do 1.º ao 6.º ano de escolaridade. [N. T.]

Quando estamos a falar com a Molly, é muito importante não oferecer nenhuma informação adicional nem fazer quaisquer perguntas de seguimento.

— Bem, giro. Não te esqueças de que os ensaios para o *Oliver Twist* são na próxima quarta-feira depois das aulas e de que te voluntariaste para tomar conta dos miúdos nos bastidores.

— Como é que me podia esquecer? O Arthur não tem falado de outra coisa.

E pronto, lá mostrei o meu jogo todo. Nunca devia ter secado o cabelo com o secador. A Kate arqueja, como se eu estivesse a afundar-me em areia movediça e ela sem uma corda para me atirar.

— Oh, o Arthur quer ter um papel importante? — A Molly não me dá uma oportunidade de responder. — Isso é ótimo! Porque eu ia nomear-te responsável pela peça e, já que ele vai estar tão envolvido, tu vais estar lá de qualquer maneira. Perfeito.

Ela escrevinha qualquer coisa no seu bloco de notas ao estilo detetive Columbo, enquanto dá meia-volta e se afasta.

A Jenna só se ri.

— Estás tão lixada.

— Sim, tenho muita pena, mas estás mesmo — concorda a Kate. — Se recusares, não que ela te tenha dado alguma oportunidade de o fazeres, ela há de certificar-se de que o Arthur faz de árvore, de pedra ou algo assim.

As audições foram hoje, por isso espero que já seja tarde para a Molly exercer o seu poder e pôr o meu filho de 10 anos numa lista negra. O Arthur tem estado no meio de mais uma ronda de desastres desportivos agora na primavera, e esta peça é uma tábuca de salvação para ele.

— Eu sei. Não faz mal. Se o Arthur conseguir um papel, eu arranjo pessoas para ajudar.

— Ninguém quer ajudar — diz a Jenna.

— Então eu faço o que tiver de ser feito. Isto é literalmente tudo para o Arthur neste momento. É a primeira coisa que parece entusiasamá-lo desde que o Ben se foi embora.

Não costumo mencionar o Ben. Não porque seja demasiado doloroso, mas porque quase nunca penso nele. Consegui criar um silêncio estranho que parece funcionar a meu favor.

— Nós ajudamos — dizem elas.

— Vocês são o máximo.

A campainha toca e dezenas de crianças irrompem da escola. O Arthur corre na nossa direção, larga a mochila aos meus pés e segue um monte de crianças até ao parque infantil. Não sei bem o que isso significa sobre como terá corrido a audição dele.

A Bernadette, a menina de 8 anos que manda na minha família, vem de encontro a mim e dá-me um abraço.

— Ele disse alguma coisa sobre o teu cabelo?

— Não disse. Devia ter usado o teu.

Aliso com as mãos os caracóis castanhos da Bernadette. Parecem saídos de *Os Pequenos Marotos*, como os cabelos à moda antiga.

— Vamos — ordena ela. — Eles vão-se embora daqui a três horas.

— Eles voltam amanhã — digo eu. A Bernadette olha para mim como se eu tivesse perdido a cabeça. — Pronto, está bem.

Chamo o Arthur e ele vem, arrastando o corpo pelo asfalto.

— A sério? São só três e um quarto. É a esquisitoide que tem de ir para casa para ficar a olhar para as estrelas de cinema?

O Arthur agita os dedos, sem conseguir parecer ameaçador.

— Como é que correu a audição? — pergunto-lhe.

— Consegui o papel.

O Arthur esboça um sorrisinho que me diz que não quer que eu faça uma cena no recreio.

Pego na mochila dele.

— Vamos lá embora daqui, antes que eu faça alguma coisa que te envergonhe.

A Bernadette está delirante quando contornamos a última curva do nosso caminho de acesso a casa. O Arthur está empenhado em tentar

parecer demasiado fixe para as maiores estrelas de Hollywood. Parece querer que pensemos que eles é que teriam sorte em conhecê-lo. Afinal, conseguiu um papel importante no *Oliver Twist*.

— Mãe, ela é tão embaraçosa. Estavam todos a fazer-me perguntas sobre este filme no recreio e durante o almoço. Parece que somos as aberrações cá da terra.

Passamos pela rulote *Airstream* e pelos dois camiões TIR antes de sequer conseguirmos vislumbrar a nossa garagem. Uma mesa repleta de bolos e sanduíches está a tapar-me o caminho. Abro a janela do lado do passageiro e aponto para a garagem. Um rapaz com um boné vermelho concorda alegremente em transferir o seu estaminé para cima do meu alpendre, mas não sem antes dar um *donut* a cada um dos meus filhos.

— Isto é épico — diz a Bernadette.

— É um *donut* — diz o Arthur.

Fecho a porta da garagem ainda antes de sairmos do carro, feliz por estar de volta ao meu casulo. Parece que tudo lá fora está infestado com barulho e pneus e outras pessoas que não eu a tomarem decisões. Quando chegar ao piso de cima, vou fechar os cortinados todos. Vai haver trabalhos de casa, o jantar, a *Roda da Sorte* e cama. O contrato deles diz que têm de se ir embora às seis.

Enquanto subimos as escadas para a cozinha, a Bernadette começa a disparar:

— Conheceste a Naomi? Ela é tão bonita como no filme *A Mulher do Marinheiro*? O Leo já chegou? Ele é alto ou não? A Frannie diz que ele é baixinho e que se põe em cima de uma caixa quando estão a... — Ela cala-se quando chegamos ao cimo das escadas e vemos o Leo sentado em frente à bancada na cozinha. Seja como for, ela já deve estar sem fôlego.

O Leo levanta-se devagar, esticando-se até à sua altura máxima de quase um metro e noventa. Lança um olhar severo à Bernadette.

— Eu não sou nada baixo, minha menina.

A Bernadette sorri, cora e tapa o rosto, tudo ao mesmo tempo.

— Ah! Lá está ela! — O Leo aponta para ela com a sua garrafa de cerveja. Que é, reparo eu, a cerveja que tenho em casa só para o caso de a Kate e o Mickey passarem por cá.

— O que foi? — pergunta o Arthur, ligeiramente assustado.

— A covinha que faltava. Procurei-a por toda a casa. A covinha desaparecida da tua mãe está mesmo ali na bochecha da tua irmã. — A Bernadette não consegue parar de sorrir e o Arthur revira os olhos.

Apercebo-me de que não me mexi desde que viemos da garagem. Estou petrificada com meio *donut* na mão.

— Sim, bom trabalho. É lá que a costume guardar.

O Leo volta a dar atenção à cerveja e, depois de um silêncio que parece ser apenas desconfortável para mim, digo:

— Então, eu sou a Nora. Sou a argumentista e esta é a minha casa.

— Leo.

— Eu chamo-me Bernadette e este é o Arthur.

— Ora viva.

— Podes estar aqui dentro? — pergunta o Arthur.

— Já filmei a minha parte por hoje. Agora estão a fazer algumas cenas só com a Naomi. Tem cenas tenebrosas, este filme.

— Bem, sim. Eu estava de mau humor.

— Agora ela está com melhor humor — atira a Bernadette.

— Sim. E temos de começar a fazer os trabalhos de casa — digo.

— Vou só ficar aqui mais um bocadinho. A minha rulote está muito quente e eu estava a fazer estas palavras cruzadas. — Ele aponta para as palavras cruzadas que eu estava a guardar para hoje à noite. É quarta-feira e esse é o meu dia preferido das palavras cruzadas, não são muito fáceis nem muito difíceis. Os meus filhos sabem disso e olham para mim ao mesmo tempo, sem conseguirem prever o que vem a seguir.

— Certo, está bem — digo eu.

Relva, cerveja, palavras cruzadas. Estou a tomar nota.

Estou em frente ao lava-louça, de *donut* na mão, a observar os três. O Leo está a fazer as minhas palavras cruzadas. Os meus filhos tiram os dossiês das mochilas e tentam agir com naturalidade. A Bernadette

precisa de canetas de feltro, o Leo passa-lhe algumas. Ela observa-o enquanto pinta. O Arthur tem uma ficha com frações que tem de resolver num minuto e, por isso, liga o cronómetro no telemóvel. Fico a olhar para este trio incongruente, uma cena saída não sei de onde.

— Então, o que é que costumavas fazer agora? — pergunta o Leo, quebrando o silêncio.

— Oh, começo a fazer o jantar.

Agradecida pelo lembrete, começo a mexer-me pela cozinha. Desfaço-me do *donut*, limpo a bancada, abro o frigorífico. A carne de peru picada descongelou na bancada, por isso só preciso de um ovo. Ponho o peru numa tigela e parto um ovo lá para dentro.

— Santo Deus, o que é que estás a fazer? — pergunta o Leo.

Enquanto as outras pessoas recebem o seu famoso olhar escaldante, eu obtenho um esgar de repugnância.

— É quarta-feira, dia de rolo de carne — informa-o a Bernadette.

— Isso não pode estar certo — diz ele, como que hipnotizado.

Corto uma cebola aos cubos e adiciono-os. Junto pão ralado. O Leo não consegue tirar os olhos da minha tigela.

— Isso é realmente a coisa mais nojenta que alguma vez vi.

Depois, quando começo a misturar o preparado com as mãos, ele corrige-se:

— OK, estava enganado.

Os meus filhos riem-se.

A Weezie vem à procura dele por volta das cinco e não parece muito surpreendida por encontrá-lo meio tocado.

— Vá lá, tens de voltar para a maquilhagem. Temos de refazer algumas coisas antes de escurecer.

O Leo esboça aquilo a que só posso chamar uma expressão de agonia, a mesma expressão que os meus filhos fazem quando lhes digo que vamos comer peixe ao jantar.

— Não. Por favor. Não me digas que há mais.

— Claro que há mais. Ainda temos aqui um, talvez dois dias antes de terminarmos.

O Leo agarra na cerveja.

— Mas é tão deprimente. Pessoal, a vossa mãe é mesmo deprimente. Não aguento isto.

— Por acaso, ela até é divertida — comenta o Arthur. — E os outros filmes dela são um bocado parvos, mas com finais superfelizes.

— Ele tem razão — admito. — Parvos e felizes. Este foi a modos que um caso isolado, desculpa.

O Leo olha atentamente para a garrafa de cerveja vazia.

— Ele não pode simplesmente voltar? Tipo, ter uma epifania ou algo assim e voltar?

O Arthur esconde o rosto e finge que está a rever as frações. Se o Ben tivesse uma epifania, isso seria um bálsamo para a ferida aberta do Arthur.

— Ele não vai voltar — afirmo.

A HISTÓRIA DA VIDA DE NORA ESTÁ PRESTES A SER RESCRITA...

Nora Hamilton conhece a fórmula do amor melhor do que ninguém, ou não fosse ela uma argumentista de filmes românticos com finais felizes. Mas, quando o marido a deixa, ela transforma o seu casamento desastroso no melhor guião da sua vida e vende-o para uma adaptação cinematográfica. O local escolhido para as filmagens não podia ser mais real — a sua própria casa centenária — mas o elenco é de sonho, com Leo Vance, em tempos eleito o Homem Mais Sexy do Mundo, a desempenhar o papel principal.

E é ele quem faz a Nora a mais inusitada proposta: Leo está disposto a pagar uma fortuna por dia a Nora para passar uma semana de férias na sua casa. Parece o acordo ideal. Ele está necessitado de alguma paz de espírito na sua vida; ela precisa do dinheiro para fazer face às despesas.

Só que estes sete dias tanto podem passar num instante como transformar-se numa eternidade, dependendo do que vier a acontecer. Sete dias são tempo suficiente para alguém se apaixonar. Ou ficar de coração partido.

**SELEÇÃO DOS MELHORES DO ANO PARA AMAZON,
WASHINGTON POST, USA TODAY, COSMOPOLITAN,
BUZZFEED, BOOK RIOT E SHE READS**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Traduzida



penguinlivros.pt

[topseller.editora](https://www.facebook.com/topseller.editora)

ISBN 9789896238667



9 789896 238667 >